

## COMO PODEMOS FOMENTAR O EMPREENDEDORISMO INOVADOR? O PAPEL DAS INCUBADORAS DE EMPRESAS E A HÉLICE SÊXTUPLA<sup>1</sup>

Louise de Lira Roedel Botelho<sup>2</sup>  
Paola Vogt<sup>3</sup>  
Jaíne Cristiane Wentroba<sup>4</sup>

**Resumo:** O movimento de incubação tornou-se de grande relevância para o fomento de inovação empreendedora, onde a participação de universidades nesse processo torna-se indispensável. Dentre os diversos *habitats* de empreendedorismo inovador, pode-se citar as Incubadoras de Empresas. As incubadoras podem ser definidas como: locais onde o principal objetivo é preparar o novo empreendimento para entrar no mercado. Este trabalho possui o objetivo discutir o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) no fomento ao empreendedorismo inovador por intermédio dos *habitats* de inovação, mais especificamente o caso de incubadoras de empresas. Para tanto, utilizou-se como metodologia o uso da revisão de literatura como uma forma de construir um compêndio de conhecimentos sobre a temática no intuito de incentivar o debate sobre a relevância do empreendedorismo inovador nesses *habitats* de inovação e seu papel para o desenvolvimento regional. Os principais resultados deste trabalho concentram-se na discussão sobre a hélice sêxtupla, trazendo para seu escopo experiências práticas da atuação das incubadoras e como esses empreendimentos impactam diretamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento regional.

**Palavras-chave:** Hélice Sêxtupla – Incubadora – Empreendedorismo.

### INTRODUÇÃO

As incubadoras de empresas são entidades sem fins lucrativos. Na maioria dos casos, nasceram com o intuito de ajudar empreendimentos que apresentam alguma dificuldade, aumentando o conhecimento destas empresas sobre seu próprio negócio e assessorando-as até o momento em que estejam prontas para seguir seu caminho no mercado onde estão inseridas (ANPROTEC, 2014). O interesse pelas

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora colaboradora Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC), professora titular Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPGDPP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Cerro Largo/RS. Email: louisebotelho@uffs.edu.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPGDPP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Cerro Largo/RS. Bolsista da CAPES/DS. Email: vogtpaola00@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPGDPP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo. Bolsista da CAPES/DS. E-mail: jainewentroba@hotmail.com

incubadoras em países desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento são latentes, pois as incubadoras possuem em seu âmago contribuir para o sucesso dos empreendimentos incubados, gerando através do empreendedorismo inovador o desenvolvimento econômico, social e sustentável (THEODORAKOPOULOS; KAKABADSE; MCGOWAN, 2014).

Uma das principais características das incubadoras de empresas é que as mesmas assessoram novos empreendimentos. As incubadoras têm por princípio conduzir empresas e ideias inovadoras para que as mesmas possam se desenvolver no mercado (BAËTA, 1999). E não apenas isso, as incubadoras possuem como ponto chave o desenvolvimento social e econômico através da prestação de serviços aos incubados, bem como da rede de intercooperação firmada entre instituições de ensino superior (IES) e empresas (HISRICH; PETERS, 2004; MEDEIROS; ATAS, 1995; MORAIS, 1997).

Para os fins deste trabalho, a concepção de incubadora adotada será a de ser um mecanismo que apoia e incentiva a geração de novos negócios por meio do fornecimento de recursos e instalações, além de reduzir os riscos empresariais e a promoção desses empreendimentos e orientar os empresários por meio de processo de desenvolvimento e fortalecendo a promoção ao encontro da inovação, empreendedorismo e do crescimento econômico (CHEN, 2009; JUNAID AHMAD, 2014; BLOK; THIJSSSEN; PASCUCI, 2017).

Nesse contexto, com a finalidade de compreender o papel das universidades no desenvolvimento do empreendedorismo inovador, buscar-se-á conhecer a atuação de incubadoras universitárias no Brasil e a forma como as mesmas atuam, visando identificar o empreendedorismo inovador e seu impacto com o processo de desenvolvimento das regiões as quais as incubadoras de empresas possuem atuação.

O objetivo deste trabalho é discutir o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) no fomento ao empreendedorismo inovador por intermédio dos *habitats* de inovação, mais especificamente o caso de incubadoras de empresas.

Para tanto, este trabalho é de cunho qualitativo com abordagem na revisão de literatura como uma forma de construir um compêndio de conhecimentos sobre a temática, além de incentivar o debate sobre a relevância do empreendedorismo inovador. Neste sentido fez-se buscas em periódicos, *sites* confiáveis e notícias

sobre empreendedorismo em incubadoras, para que assim possa alcançar o objetivo proposto.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 HABITATS DE EMPREENDEDORISMO INOVADOR

Para entender o processo de inovação deve-se compreender como o conhecimento é construído e acumulado e como circula entre os diversos atores, além de estabelecer a forma pela qual os processos de inovação são desenvolvidos no âmbito da indústria e nas esferas regionais ou nacionais (MANUAL DE OSLO, 1997). As organizações que inovam precisam também, estabelecer e consolidar redes de comunicação e de contato capazes de direcionar as atividades e capacitações inovadoras.

Van Aken e Weggeman (2000) consideram que as redes são mecanismos importantes para a otimização dos recursos organizacionais, para o aumento da capacidade tecnológica na geração de inovações e para absorção de *know-how* e *know-who*. As redes, viabilizam a criação de empreendimentos cada vez mais inovadores.

Nesse contexto, a criação de ambientes propícios para o desenvolvimento do empreendedorismo inovador é tendência no mundo todo. Os chamados “*habitats* de empreendedorismo inovador” são ambientes ou espaços de compartilhamento e transferência de conhecimento que são favoráveis ao desenvolvimento do processo de inovação. São locais planejados, previamente com o intuito de apoiar o desenvolvimento de novos empreendimentos, sobretudo, de base tecnológica e social. Esses locais, oferecem ainda uma grande diversidade de serviços para suporte e apoio à criação de novas empresas de caráter inovador. Além disso, tais *habitats* possibilitam minimizar os riscos associados às iniciativas de criação de novos empreendimentos. *Habitats* são espaços físicos em que ocorrem a promoção de soluções inovadoras, sejam financeiras ou sociais, onde os empreendedores inovadores têm maiores possibilidades de desenvolverem suas ideias, com menor margem de risco e melhora de resultados (MACHADO; SILVA; CATAPAN, 2016).

Nos *habitats* de empreendedorismo inovador deve haver a sinergia entre os atores que compõem a chamada “hélice sêxtupla”<sup>5</sup>, ou seja, entre as instituições de ensino e pesquisa, o meio empresarial e o poder público.

Assim como outros *habitats* de inovação, as incubadoras geralmente se encontram próximas a instituições de ensino e pesquisa e têm o envolvimento do setor público e organizações privadas (hélices de inovação). Além disso, a base de sustentação de um programa de incubação está alicerçada na difusão da cultura empreendedora, do conhecimento e da inovação.

## 1.2 INCUBADORAS

As incubadoras são ferramentas relevantes no cenário nacional e responsáveis por alavancar o empreendedorismo inovador nas Universidades e IES, neste sentido existem diferentes classificações para as mesmas.

Para o MCTI (2000, p. 7) as incubadoras de empresas podem ser classificadas quanto ao nicho de mercado em que atuam, da seguinte forma:

- Incubadora de Empresa de Base Tecnológica (IEBT): é a incubadora que abriga empresas cujos produtos, processos ou serviços são gerados a partir de resultados de pesquisa aplicada, e nos quais a tecnologia representa um alto valor agregado.
- Incubadora de Empresas dos Setores Tradicionais: é a incubadora que abriga empresas ligadas a setores tradicionais da economia, que detêm tecnologia largamente difundida e queiram agregar valor a seus produtos, processos ou serviços por meio de um incremento no nível tecnológico empregado. Devem estar comprometidas com a absorção ou o desenvolvimento de novas tecnologias.
- Incubadora de Empresas Mistas: é a incubadora que abriga empresas dos dois tipos anteriormente descritos.
- Outras categorias: aqui se encaixam as incubadoras de empresas culturais, agroindustriais e de cooperativas.

Para Macedo e Botelho (2020) ainda fazem parte deste *hall* de incubadoras as: a) Incubadoras à distância são empresas nascentes que não se instalam no espaço físico das incubadoras, mas têm acesso ao local para cursos, consultoria, palestras e participação em eventos de diversas áreas, como marketing, finanças,

---

<sup>5</sup> A hélice sêxtupla foi cunhada por Labiak Júnior (2012) onde segundo este autor, a espiral sêxtupla é constituída por atores empresariais e institucionais (agências de desenvolvimento, federações), de fomento (público ou privado), *habitats* de inovação (parques tecnológicos, incubadoras), de conhecimento científico e tecnológico, e públicos (universidades, faculdades, institutos federais), ambientes em que a circulação de conhecimento é fluente. Nesta proposta insere-se o conceito de instituições-ponte, que são organizações que medeiam às interações no sistema no âmbito de negócios, capacitação, intercâmbio entre universidades e a demanda do mercado, transferência de tecnologia, entre outras funções junto aos atores do Sistema Regional de Inovação (SRI) (CASSIOLATO, 1996).

planejamento, jurídico e vendas. Esse tipo de atendimento é oferecido a distância, seja ele por telefone ou *internet*, não tendo necessidade de um espaço físico para que ocorra. Tem o intuito de dar suporte às pequenas empresas que querem melhorar sua atuação no mercado aprimorando os aspectos jurídicos, de vendas dentre outros que alteram a produtividade e capacidade da empresa. B) Incubadora virtual pode ser entendida como uma organização que se estabelece via *internet*, conta com amplo banco de dados e informática, com vistas a estimular novos negócios. Este tipo de incubadoras têm os mesmos objetivos das incubadoras tradicionais, porém, com o diferencial de apoiar a criação e fortalecimento de negócios que caracterizam-se por ser altamente dependentes da *Internet*, na forma de um ambiente para o desenvolvimento de novos negócios, cujos resultados esperados deverão garantir, em um prazo e tempo determinados, autonomia e auto sustentação aos empreendimentos.

Outro modelo de incubadoras existentes no cenário nacional são as Incubadoras Sociais. As incubadoras sociais são ferramentas para assessorar empreendimentos advindos de projetos sociais. As incubadoras também podem ser consideradas um forte canal entre a universidade e a comunidade, ambas unidas, formulam ideias de empreendimentos sustentável a favorecer a comunidade, auxiliando ao conhecimento acadêmico (BEZERRA; SILVA; CARVALHO, 2013). São caracterizadas por desenvolver as comunidades localizadas no entorno de centros universitários. As incubadoras sociais trabalham com incubação e tem por princípio amparar e apoiar ações solidárias de seus empreendimentos incubados. A Economia Solidária, refere-se a todos os empreendimentos e iniciativas que se baseiam em ajuda mútua de autogestão, em suma, que partilham os princípios do cooperativismo (SINGER, 2002).

Neste contexto as Incubadoras Sociais surgiram para agregar empreendimentos econômicos e solidários (SILVA *et al.*, 2009). Representadas por empreendimentos de cooperativas populares, as incubadoras sociais buscam desenvolver tecnologias que se adaptam às suas necessidades, levando em consideração a economia sustentável e o bem-estar de todos, representadas pelas Incubadoras Tecnosociais, estas desenvolvem as tecnologias sociais.

No cenário nacional, diferentemente do que ocorreu em países desenvolvidos onde a gênese das incubadoras teve como foco alavancar a inovação e o desenvolvimento da tecnologia, as incubadoras iniciaram seus passos no intuito de

cumprir as demandas oriundas da academia, tentando o casamento entre os três pilares: universidade, governo e empresas (SILVA; BEURON; ZAMPIERI, 2014). No histórico do nascimento das incubadoras brasileiras está embasado na década de 1980.

Há também a divisão das incubadoras pelas regiões Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-oeste do país (ANPROTEC, 2012). Estas incubadoras são representadas e apoiadas pela Associação Nacional de Entidades Promotoras Empreendimentos Inovadores - Anprotec. Outras instituições que também apoiam essas entidades são o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, o Governo Federal com a criação do Programa Nacional de Incubadoras de Empresas – PNI, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC.

No Brasil, as incubadoras começaram atuando apenas em setores que promoviam o conhecimento científico e tecnológico, como a informática e a biotecnologia, mas hoje, elas atuam nas mais diversas áreas, assessorando os mais diferentes empreendimentos contribuindo com o desenvolvimento local e setorial do ambiente onde estão instaladas (ANPROTEC, 2012).

As incubadoras, em sua maioria, encontram-se vinculadas a outras instituições, que de forma conjunta, atuam no fortalecimento e desenvolvimento de novos empreendimentos (DORNELAS, 2002). Essa integração define seu ramo de atuação e pressupõe o perfil de suas atividades (ANPROTEC, 2012). As incubadoras de empresas têm apresentado um grau de importância tão grande para as empresas que participam da incubação, pois acresce nas incubadas um conhecimento novo que muda a sua visão de como administrar de forma correta um empreendimento. Essa importância se reflete no alcance das inovações das empresas incubadas, enquanto estão nas incubadoras e depois que continuam no mercado por conta própria (ANPROTEC, 2012).

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi elaborado com base na abordagem descritiva e revisão da literatura. Para isso, utilizou-se referências teóricas publicadas por meios periódicos eletrônicos, como livros e artigos científicos, páginas de *web sites*. Com isso, permitiu-se entender o contexto, além de compreender o tema, suas causas e

consequências. A partir desse processo, buscou-se elaborar uma síntese, capaz de criar uma compreensão sobre o assunto.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 PAPEL DAS INCUBADORAS E AS HÉLICES DE INOVAÇÃO

Etzkowitz e Leydesdorff (2000) desenvolveram em sua pesquisa um modelo conceitual para compreender o papel da inovação e suas reflexões sobre outras esferas. Os autores chamaram tal modelo de Tríplice Hélice. Na Tríplice Hélice constituída na relação Universidade, Governo e Empresas, o primeiro agente possui papel central de fomentar as outras hélices, pois é ela que através de sua atuação em pesquisa movimenta as demais gerando e disseminando conhecimento.

A interação tem como finalidade a troca de conhecimentos e a geração de novos, visando a inovação tecnológica e o desenvolvimento econômico, pontos que colaboram tanto para o setor público, quanto privado. A relação observada por Etzkowitz (2009), introduz reflexões relacionadas ao papel das Universidades e suas implicações para o desenvolvimento social e econômico. Na segunda hélice, as empresas atuam com a demanda de novas criações e geração de novos negócios, por fim na hélice do governo, este atua na efetivação de projetos.

Uma outra proposta é a de Carayannis e Campbell (2009) onde os autores aperfeiçoam o modelo de Etzkowitz e Leydesdorff (2000) lançando uma quarta hélice trazendo para o escopo a cultura pública. Posteriormente, os autores Grundel e Dahlstrom (2016) acrescentam mais uma hélice de inovação, a sustentabilidade.

Por fim, tem-se o conceito de Hélice sêxtupla de Labiak Júnior (2012), neste modelo o autor trabalha na inter-relação entre os agentes que influenciam na atuação de *habitats* de empreendedorismo inovador, centrado nos atores empresariais. Ainda segundo Labiak Júnior (2012) esse modelo é constituído por seis atores: públicos; científicos e tecnológicos; empresariais; institucionais; *habitat* de inovação; e, de fomento. Todos esses atores buscam, por meio da cooperação, um desenvolvimento regional baseado na inovação.

Nesse contexto, as incubadoras de empresas apresentam-se como um exemplo de *habitat* de inovação. Sendo que essas são consideradas um espaço de experiências produtivas que uma empresa poderia ter, adquirindo conhecimento,

inovando em seus produtos e tornando-se um negócio com mais chances de ter sucesso no mercado em que atua. As incubadoras têm se difundido através de suas instalações em universidades, parques tecnológicos entre outros, trazendo um maior desenvolvimento para a sua localidade, atuando como transmissor tanto de inovação quanto de conhecimento.

## CONCLUSÃO

No contexto das universidades, as incubadoras têm como função estabelecer um elo de ligação entre a troca de conhecimento que a instituição de ensino pode oferecer ao empreendedor. Ou seja, existe a troca de *know-how* entre a universidade e a incubadora. Isso, por sua vez, proporciona uma maior influência no papel da incubadora, no desenvolvimento de empresas ou de uma determinada região.

Uma universidade que possua um programa ou projeto de incubação de empresas deve se posicionar estrategicamente, como medida de promoção e conscientização de seu programa de incubação de empresas no ambiente interno e externo. Este trabalho discutiu a partir da literatura corrente conceitos e repercussões sobre o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) no fomento ao empreendedorismo inovador por intermédio dos *habitats* de inovação, mais especificamente o caso de incubadoras de empresas. Para tanto, objetivou-se como metodologia o uso da revisão de literatura como uma forma de construir um compêndio de conhecimentos sobre a temática no intuito de incentivar o debate sobre a relevância do empreendedorismo inovador nesses *habitats* de inovação e seu papel para o desenvolvimento regional.

Espera-se com este trabalho que seja possibilitado o início da discussão sobre a hélice sêxtupla em novos trabalhos acadêmicos tendo em vista que este visa incorporar novas hélices de inovação no cenário empresarial, trazendo para seu escopo experiências práticas da atuação das incubadoras e como esses empreendimentos impactam diretamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento regional.



## REFERÊNCIAS

ANPROTEC. Associação Nacional das Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançada. **Panorama 2003**. 2014. Disponível em: [www.anprotec.org.br](http://www.anprotec.org.br). Acesso em: 20 abr. 2022.

ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançada. 2012. **Pesquisa Anprotec**. Disponível em: [www.anprotec.org.br](http://www.anprotec.org.br). Acesso em: 20 abr. 2022.

BAÊTA, Adelaide Maria Coelho. **O desafio da criação: uma análise das incubadoras de empresas de base tecnológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BEZERRA, Adriel F. de A.; SILVA, Wendella S. C. da; CARVALHO, Z. V. As Incubadoras Sociais e o Desenvolvimento Local: O que é e porque apoiar a iniciativa. In: XXIII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, 2013, Recife, PE. **Anais do XXIII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**, 2013.

BLOK, Vincent; THIJSSSEN, Sander; PASCUCCHI, Stefano. Understanding Management Practices in Business Incubators: empirical evidence of the factors impacting the incubation process. **International Journal Of Innovation And Technology Management**, [S.L.], v. 14, n. 04, p. 1750023, 21 fev. 2017. World Scientific Pub Co Pte Lt. <http://dx.doi.org/10.1142/s0219877017500237>.

CARAYANNIS, Elias G.; CAMPBELL, David F.J. **'Mode 3' and 'Quadruple Helix': toward a 21st century fractal innovation ecosystem**. *International Journal Technology Management*, v. 46, n. 3-4, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240295704\\_'Mode\\_3'\\_and\\_'Quadruple\\_Helix'\\_Toward\\_a\\_21st\\_century\\_fractal\\_innovation\\_ecosystem](https://www.researchgate.net/publication/240295704_'Mode_3'_and_'Quadruple_Helix'_Toward_a_21st_century_fractal_innovation_ecosystem). Acesso em: 20 abr. 2022.

CASSIOLATO, José Eduardo. **A relação universidade e instituições de pesquisa com o setor industrial: uma abordagem a partir do processo inovativo e lições de experiência internacional**. Brasília, DF: SEBRAE, 1996. 130 p. Curso de Especialização em Agentes de Inovação e Difusão Tecnológica.

CHEN, Chung-Jen. Technology commercialization, incubator and venture capital, and new venture performance. **Journal of Business Research**, v. 62, n. 1, p. 93-103, 2009.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Planejando incubadoras de empresas: como desenvolver um plano de negócios para incubadoras/**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., 2002. P. 132.

ETZKOWITZ, Henry. **Hélice Tríplice: Universidade-Indústria-Governo: Inovação em Movimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. **The dynamics of innovation: from national systems and "Mode 2" to a Triple Helix of university-industry-government relations**. *Research Policy*, v. 29, p. 109-123, 2000.

GRUNDEL, Ida; DAHLSTRÖM, Margareta. A Quadruple and quintuple helix approach to regional innovation systems in the transformation to a forestry-based bioeconomy. **Journal of the Knowledge Economy**, v. 7, n. 4, p. 963–983, 2016.

HISRICH, Robert; PETERS, MICHAEL. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookmann, 2004

JUNAID AHMAD, Ali. A mechanisms-driven theory of business incubation. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 20, n. 4, p. 375-405, 2014.

LABIAK JÚNIOR, Silvestre. **Método de análise dos fluxos de conhecimento em sistemas regionais de inovação**. 2012. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina. 234 fls. 2012.

MACEDO, Marcelo; BOTELHO, Louise de Lira Roedel. **Empreendedorismo e Inovação: conceitos básicos**. Novas Edições Acadêmicas, 2020.

MACHADO, Andreia de B.; SILVA, Andreza R. L. da; CATAPAN, Araci Hack. Bibliometria sobre concepção de habitats de inovação. **Navus Ver. De Gestão e Tecnologia**, v. 6, n. 3, 2016.

MANUAL DE OSLO. The Measurement of Scientific and Technological Activities - Proposed Guidelines for Collecting and Interpreting Technological Innovation, 1997. **Oslo Manual-Traduzido em**, 2004.

MEDEIROS, José Adelino; ATAS, Lucília. Incubadoras de empresas: balanço da experiência brasileira. **Revista de Administração de Empresas**. v. 30, n. 1, p. 19-31. São Paulo: jan./mar. 1995.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO - MCTI. **Manual de incubadora de empresas**. Brasília: [s.n.], 2000. Disponível em: [http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2011-11/manual\\_incubadoras.pdf](http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2011-11/manual_incubadoras.pdf). Acesso em: 22 abr. 2022.

MORAIS, Ednalva. **Manual de acompanhamento e auto-avaliação de incubadoras e empresas incubadas**. Brasília: ANPROTEC, 1997.

SILVA, Ana *et al.* **Economia Solidária no Contexto das Incubadoras Sociais**. Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Andressa Hennig; BEURON, Thiago Antonio; ZAMPIERI, Nilza Luiza Venturini. A CONTRIBUIÇÃO DA INCUBADORA TECNOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS EMERGENTES: UM ESTUDO EM ORGANIZAÇÕES NOS DIFERENTES ESTÁGIOS DE INCUBAÇÃO. **Revista GESTO**, v. 2, n. 2, p. 84-100, 2015.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, v. 2, 2002.

THEODORAKOPOULOS, Nicholas; KAKABADSE, Nada; MCGOWAN, Carmel. What matters in business incubation? A literature review and a suggestion for situated theorising. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 21, n. 4, p. 602-622, 2014.

VAN AKEN, Joan E.; WEGGEMAN, Mathieu P. Gerenciando a aprendizagem em redes informais de inovação: superando o dilema Daphne. **Gestão de P&d**, v. 30, n. 2, pág. 139-150, 2000.